

» ponto a ponto | **JAQUES WAGNER** | LÍDER DO GOVERNO NO SENADO

Para o parlamentar, como o país esteve perto de nova ruptura institucional, Lula está certo ao pedir que não se fale sobre 1964

“Ainda nos recuperamos do 8/1”» HENRIQUE LESSA
» VINICIUS DORIA

Nos 60 anos do golpe militar, o líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA) — sindicalista como Luiz Inácio Lula da Silva nos anos de chumbo —, considera acertada a decisão do presidente da República de não estimular manifestações sobre a quartelada de 1964 — “para não ficar tocando fogo numa hora que está tudo se recuperando do 8 de janeiro”. No time que assumiu o comando do país, no primeiro mandato de Lula, em 2003, poucos se mantiveram tão próximos do presidente quanto o “galego”. Aos 73 anos, não considera ruim ver uma nova geração assumindo postos de comando na política, e está ciente do papel que tem a cumprir. Nesta conversa com o **Correio**, Wagner fala sobre as dificuldades que Lula enfrenta em um Congresso hostil e empoderado, da renovação na política e do avanço da extrema direita como um organizado antagonista ao presidente e seus apoiadores. Leia os principais pontos a seguir.

Silêncio sobre o golpe

Tem dois lados que comemoram, relembram. Tem o dos que apoiam o golpe — e o presidente disse que quem está na ativa não tem que comemorar nada; na reserva, tudo bem. Para o nosso lado, é para não estimular também atos em resposta, para não ficar tocando fogo numa hora em que ainda nos recuperamos do 8 de janeiro. Acabou o regime (militar), mas nunca conseguimos superá-lo. Digo sempre que a elite nacional é inteligente. Quando vamos botar a mão na taça, diz: “Deixa que eu te entrego”. Foi assim na Inconfidência, na libertação dos escravizados — e, aí, estava tudo certo, chega o nosso imperador e entrega. No final do regime militar, fizeram o colégio eleitoral e uma transição — que não é ruim, é melhor do que uma ruptura. Foi de outra forma na Argentina, uma ruptura arrebatada. Tem o mérito de eles (militares) dizerem: “Amigo, vamos entregar para não levarem tudo”. E fizeram, tudo monitorado por eles, com o colégio eleitoral.

PEC dos militares

Tem duas (uma define a necessidade de o militar ir para reserva antes de disputar eleições; outra, determina um percentual fixo do PIB no investimento em defesa). Em todo lugar que vou, essa é a primeira pergunta, sobre a eleitoral. Essa matéria não é problema, não tira o sono de ninguém. Como tudo, há cautela quando se vai falar de militar, mas está longe de estar no centro da minha ocupação. Sabe quantos militares das Forças Armadas se candidataram em 2022? Foram 32 ou 37 — nenhum se elegeu. A única preocupação do comando é que, quando você sai para fazer campanha, vira candidato. Depois, se voltar, vai para o palanque dentro do quartel? Na opinião dos militares, para ser candidato, tem que ir para a reserva.

Conexão polícia-milícia

No Rio de Janeiro, aconteceu uma sucessão de episódios que desembocaram nisso. Milícias e tráfico estão no meio do aparelho do Estado, é sabido por todo o mundo. São uma multinacional do crime — essa é a verdade — e rola bilhões. Têm tentáculos enfiados em todo lugar.

Articulação política

Câmara e Senado têm relações diferentes. Lá (na Câmara), o público é mais numeroso; óbvio que é mais difícil. Não há nenhuma novidade na afirmação de que tem uma maioria conservadora. Elegemos a Presidência da República, mas não fizemos maioria no Senado nem na Câmara. Mas a afirmação de que a articulação política vai mal precisa de uma análise mais profunda. O que é uma articulação política boa? É continuar no jogo que vinha sendo jogado? Não acho que seria o melhor caminho. O Supremo (Tribunal Federal) condenou, apesar de legalizar metade do chamado orçamento secreto, que, agora, de uma certa forma, virou emenda de comissão. Essa contaminação feita no governo passado — no Michel (Temer) também — virou uma

relação comercial. Me dá isso que te dou aquilo. Por aí a gente não vai bem. Quando alguém diz que vai mal, é porque estamos tentando, aos poucos — ninguém dá um cavalo de pau no transatlântico —, mudar esse tipo de relação. Até porque, o presidente não é o ex. A relação dele (Lula) não é essa, ele gosta de fazer política, tem projeto para o país.

“Vício” em emendas

O trabalho é descobrir um caminho para sair disso, a menos que a gente sucumba. Canso de dizer que se a relação é para ser essa, é melhor a gente ter coragem de apresentar o plebiscito do parlamentarismo. Seria mais correto do que continuar assim porque, por menos que (o Parlamento) gaste, tem que ter responsabilidade perante a opinião pública. Hoje é: “Me dê emenda! Me dê emenda!”, quando o dinheiro não dá para a educação, para a saúde. Todo mundo adora que a inflação tenha baixado, que o juro baixou, o emprego aumentou. Todo mundo acha isso ótimo. Economizamos alguns bilhões com a queda dos juros e, no mundo privado, quem tem dívida, quem está alavancado, ganhou. O mundo fica olhando para o Brasil querendo saber se vamos ter estabilidade. O Congresso vai ter que fazer uma escolha — não dá para falar em responsabilidade fiscal e, também, em desoneração. É feito todo o tipo de desoneração para nichos e a maioria da população sobra.

Volume exagerado

Não estou dizendo que todo o dinheiro de emendas é mal usado, mas, seguramente, acho um exagero o volume. O pessoal nunca está satisfeito. Falta uma análise mais detalhada. Dizem que o (atual ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha) é ruim, mas é ruim por quê? Porque está buscando transparência das emendas. Isso deveria ser obrigatório. Mas, na verdade, ninguém sabe ao certo quem foi que mandou (a verba). Manda dinheiro para o estado X, mas mora no estado Y. Não tem governo querendo segurar recursos. O governo está querendo qualificar os gastos. O governo lançou um programa de alguns bilhões (desoneração das igrejas), que foi aprovado.

Conselheiros

Sou a favor da renovação, inclusive do meu partido. Só olhar quem foi eleito governador da Bahia. Nada contra a terceira idade: estou com 73 anos. Brinco com o pessoal dizendo que minha experiência os jovens não têm, mas não tenho a vitalidade da juventude — e vamos ver como combinamos isso. Acho que os da minha idade têm que virar conselheiros, como é na iniciativa privada. Uma coisa é a experiência — você errou mais do que quem andou menos — e outra é a energia para andar mais. Óbvio que um cara como eu fala para o presidente: “Não vai por aí, não vai dar certo”. Depois de um ano e meio preso, pode ser que Lula tenha saído mais fechado. Apesar de as pessoas acharem que tomo café, almoço e janto com ele, não é assim. A gente conversa, mas

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



No final do regime militar, fizeram o colégio eleitoral e uma transição. Tem o mérito de eles (militares) dizerem: 'Vamos entregar para não levarem tudo'. E fizeram, tudo monitorado por eles”

não gosto de ficar a toda hora batendo na porta.

Fim da “saidinha”

É uma leitura simplista, como se não dar direito à “saidinha” fosse resolver algo. Está tudo de cabeça para baixo. O país é conduzido por clichês. Caiu um avião e ninguém mais vai andar de avião? Sai um na “saidinha”, e mata alguém, ninguém mais tem direito à “saidinha”? A abordagem não deveria ser essa. No Brasil, se prende muito, mas se prende mal. Não tem muita gente chique presa, seja do narcotráfico ou de outra área.

Pernoite na embaixada

Se tinha intenção de fugir, não fugiu. Não fico nessa torcida porque, para mim isso, é julgamento da Justiça, não é vitória política. Se vai ser preso, se está inelegível... Sinceramente, acho que ele cometeu muitos crimes, não necessariamente tipificados, como acabar com a economia brasileira no último ano (de governo). Mas não fico na torcida. É óbvio que alguém estar na embaixada da Hungria significa estar em território de outro país, fora do alcance da Justiça.

Polarização

O (Javier) Milei (presidente da Argentina) é, no mínimo, excêntrico, que se aconselha com o fantasma do cachorro. Acho esquisito isso e tantos outros. Faz 80 anos do fim da II Guerra Mundial, é uma preocupação para mim e para minha geração. Tenho 73, nasci um pouco depois e só se falava do estado do bem-estar social como resposta

à maior barbárie do século 20. (O nazismo) só foi possível num país (Alemanha) culto, instruído, porque as pessoas foram perdendo a esperança, tinham perdido a I Guerra Mundial e apostaram em qualquer um para ver o que dava. Hoje está um pouco assim. Aqui (Congresso), muita gente não conhece a sua base, só sabe que tem um ou dois milhões de seguidores. Em Portugal, quadruplicou a extrema direita. A gente consegue interpretar mais profundamente o que está acontecendo ou, como diria Nelson Rodrigues, seremos governados pelos imbecis, pois são mais numerosos.

Crítica a Israel

Foi um episódio em que não concordei com parte da fala dele (Lula). Falei isso publicamente, mas só depois de conversar com ele. Nesse episódio, ele falou não a palavra, mas que só viu uma coisa como essa (a quantidade de mortes em Gaza) quando Hitler quis matar os judeus. Acho que aquele episódio (holocausto), que é a maior barbárie do século passado, não deve ser comparado a nada. Vocês viram a aprovação do cessar-fogo (aprovado no Conselho de Segurança da ONU). Ele puxou a fila. Não tem muita gente que tenha o peso e a voz mundial como ele. Sou judeu, defendo a convivência de dois estados com autonomia, com prosperidade. Não é um Estado miserável ao lado do próspero.

Peso das palavras

Nesse caso de Israel, não acho. Quem usou isso confunde o Estado de Israel — onde pregou Jesus



O Congresso vai ter que fazer uma escolha — não dá para falar em responsabilidade fiscal e, também, em desoneração. É feito todo o tipo de desoneração para nichos e a maioria da população sobra”

Cristo, onde brotam as paixões, onde há as três maiores religiões monoteístas do mundo — com a política externa do atual primeiro-ministro (Benjamin Netanyahu). É bom lembrar que morreu um primeiro-ministro (Yitzhak Rabin, assassinado por um ultranacionalista judeu, em 1995) que queria a paz, que ganhou o prêmio Nobel da Paz. Israel está rachado.

Economia x aprovação

Essa é uma pergunta que cabe aqui, nos Estados Unidos, em outros lugares. A famosa frase “É a economia, estúpido”, hoje, não funciona. Todo mundo viu depoimentos no chamado “fala povo” em que dizem que o governo dele (Lula) é muito melhor, mas, depois, vão votar no outro. Quando as pessoas têm identidade, tendem a relevar a ruindade de cada um. Isso vale para os dois lados. Estamos há um ano e três meses da eleição e a linha de corte está igual, de 2% a 3%. Isso é péssimo, aconteceu exatamente naquela eleição em 2018. Não é por culpa do Lula; é porque sumiu o centro.

Esperança

O que as pessoas mais querem é ter esperança e a concretização dela, porque sonho que não se realiza vira pesadelo. O presidente falou para jovens de 15 a 16 anos, do Brasil inteiro, que vieram para o lançamento do Pé de Meia, que é um programa arrojado. A frase que falou foi: “A felicidade você compartilha ou perde”. Não adianta querer felicidade para si. Mas, hoje, dar esperança às

pessoas é traduzido muito em melhoria das condições de vida, em melhoria material. Só que o mundo está muito mais desigual.

Regulação das redes

O presidente está preocupado. Esse tema virou planetário — na Europa, nos Estados Unidos, aqui, todo mundo quer uma solução. Longe censurar, não dá para não ter regulação. Tenho filho, tenho neto, mas hoje (a internet) é um risco. Tem um site que estimula o suicídio dos jovens. Pode uma coisa dessas?

Direita e a web

Ela vive de mentiras. Digo ao meu pessoal que a gente tem que trazê-la para brigar no nosso terreno, que é o do argumento, da proposta. Não vou brigar no terreno dela. Não xingo tão bem quanto ela, não faço fake news, nem tenho robô.

Reeleição

Nunca gostei. Trabalhei contra na época e não acho que seja um instituto que traga bons serviços. Mas há quem defenda, como o próprio presidente. O que está sendo discutido é a consolidação de toda a legislação eleitoral para ficar em um código só, porque, hoje, está espalhado. Sou a favor de cinco anos, não reeleição e coincidência dos mandatos. Hoje, acabou a eleição e se começa a pensar na próxima.

Confira a entrevista completa no site do Correio